

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE PEDAGOGIA

GABRIELA RODRIGUES CAMPOS

AS CRÍTICAS AO CONSTRUTIVISMO: BREVE BALANÇO BIBLIOGRÁFICO

MARINGÁ
2016

GABRIELA RODRIGUES CAMPOS

AS CRÍTICAS AO CONSTRUTIVISMO: BREVE BALANÇO BIBLIOGRÁFICO

Trabalho apresentado ao Curso de Pedagogia, modalidade presencial, da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso.

Orientação: Profa. Dra. Ruth Izumi Setoguti.

MARINGÁ
2016

GABRILA RODRIGUES CAMPOS

AS CRÍTICAS AO CONSTRUTIVISMO: BREVE BALANÇO BIBLIOGRÁFICO

Artigo apresentado à Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial para conclusão do curso de Pedagogia, sob a orientação da Professora Doutora Ruth Izumi Setoguti.

Aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ruth Izumi Setoguti

Prof. Flávio Rodrigues de Oliveira

Profa. Dra. Sheila Maria Rosin

AS CRÍTICAS AO CONSTRUTIVISMO: BREVE BALANÇO BIBLIOGRÁFICO

RESUMO

O construtivismo contempla diversas áreas do conhecimento, dentre elas, a arte, psicologia, filosofia e a pedagogia, que é o nosso foco de estudo. Com base nas teorias educacionais oriundas de Jean Piaget, as ideias construtivistas apontam o conhecimento como uma construção do sujeito, numa interação da ação social e o meio. Este artigo realiza um rápido balanço bibliográfico relativo aos estudos que fazem críticas ao construtivismo no campo pedagógico. Nossa inquietação se justifica pelo fato de que no Brasil são pouco conhecidos ou divulgados os estudos críticos do construtivismo, apesar de internacionalmente haver inúmeros trabalhos se avolumado, especialmente a partir da década de 1990. A teoria do construtivismo está em prática nas instituições escolares, mesmo trazendo pouco avanço escolar. Observamos essa lacuna no país tomando como exemplo os cursos de Pedagogia, nos quais praticamente inexistem debates relativos a essa temática. Nesse sentido, neste estudo pretendemos chamar a atenção de pedagogos e educadores para desencadearmos um debate sobre esse assunto.

Palavras-chave: Construtivismo. Teoria educacional. Críticas.

ABSTRACT

The constructivism contemplates many fields of knowledge, among them, art, psychology, philosophy and pedagogy that is our focus of study. Based on educational theories derived from Jean Piaget, the constructivist ideas indicate the knowledge like a construction of subject, in a social interaction action and the environment. This article makes a bibliographical balance on the studies that make objections to constructivism in the educational field. Our concern is justified by the fact that critical studies of constructivism are not well known or disclosed in Brazil, although internationally there are many related work piling up, especially from the 90s. The constructivism theory is in practice in the schools, even not bringing any academic progress from our students. We see this gap in our country taking as example the pedagogy courses, where practically there is no discussions related to this theme, which future teachers are unaware of studies with empirical evidence for further reflection on educational practice. Therefore, in this study we intend to draw the attention of educators to an improvement in education and initiate a discussion about this subject in a bibliographic nature research.

Keywords: Construtivism. Educational theory. Critical.

1 INTRODUÇÃO

O propósito deste artigo é de apresentar, por meio de pesquisa bibliográfica, algumas das críticas feitas ao construtivismo por profissionais da área da educação e intelectuais, com o objetivo de contribuir com o debate acerca das teorias educacionais contemporâneas e a qualidade da educação. Para tanto, serão retomadas algumas das ideias de Jean Piaget (1896-1980), o epistemólogo e biólogo suíço, a quem é atribuído o papel principal de ‘pai do construtivismo’.

A palavra construtivismo, como o próprio termo sugere, significa que esse movimento somente reconhece como verdadeiro o conhecimento que é construído pelo sujeito/aluno. O construtivismo no meio educacional passou a ser identificado com a corrente pedagógica que é contra o ensino baseado em aulas expositivas, em repetições e em memorizações; que é defensora de uma aprendizagem “prazerosa”, cujo conteúdo deve despertar o “interesse do aluno” e permitir a esse um papel mais “ativo” no espaço escolar. Além dessas características, o construtivismo define outras, como: “aprender a aprender”, “aprendizagem permanente”, “aprendizagem ao ritmo dos alunos”, “escola centrada na criança”, “construtivismo”, “aprendizagem cooperativa”, “aprendizagem por descoberta”, “aprendizagem holística”, “método de projeto”, “aprendizagem temática”, “os fatos não contam tanto como a compreensão”, “aprendizagem para a compreensão”.

Como acadêmica do curso de Pedagogia, nosso interesse direciona-se para divulgar o atual debate relativo às críticas ao construtivismo a fim de que os pedagogos possam pensar e repensar as propostas pedagógicas que consideram a mais adequada a potencializar o aprendizado dos alunos. Assim, nosso objetivo neste trabalho foi de empreender um rápido balanço bibliográfico de estudos críticos referentes ao construtivismo

2 PIAGET E AS BASES DO CONSTRUTIVISMO

No século XX, o construtivismo provocou verdadeira revolução na área da educação modificando o cotidiano e as práticas escolares. Apesar do elevado número de educadores que se intitulam construtivistas, uma análise da literatura internacional e nacional revela a inexistência de trabalhos que definem a natureza teórica, conceitual ou empírica do construtivismo (OLIVEIRA, 2002). Por isso, recomenda Oliveira (2002, p. 3) que “seria mais fácil e adequado caracterizar o construtivismo como um ‘movimento’ de educadores do que

como uma teoria, no sentido formal da palavra”. Afinal, na ciência o estatuto de “teoria” é alcançado pelas formulações que apresentam pressupostos que possam ser testados e verificados. Não é o que ocorre com os pressupostos construtivistas, como, por exemplo, “a criança constrói seu próprio conhecimento” (OLIVEIRA, 2002, p. 3).

Na atualidade considera-se que há várias formas de construtivismo (*apud* LEGENDRE, 2010, LE MOIGNE, 1995): o socioconstrutivismo de Vygotsky, o construtivismo dialético ou genético de Piaget, o construtivismo empírico de H. A Simon¹, o construtivismo dialógico e recursivo de Morin² e o construtivismo radical de E. Glaserfeld³. Não obstante, como informa Oliveira (2002, p. 2): “muitos autores são citados em conexão com as ideias construtivistas, porém os mais citados são Piaget e Vygotsky que compartilham entre si algumas ideias e divergem frontalmente em outras”. Legendre (2010) também reconhece que aos nomes de Jean Piaget (1896-1980) (construtivismo) e Leo Vygotsky (1896-1934) (socioconstrutivismo) costumeiramente se associam ao construtivismo:

As perspectivas construtivistas e socioconstrutivista adquiriram uma grande popularidade na educação, e são frequentemente lembradas a título de fundamentos de diversas correntes pedagógicas [...] Dois grandes nomes, Piaget e Vygotsky, respectivamente associados ao construtivismo e ao socioconstrutivismo, exerceram uma influência preponderante na pesquisa em educação (LEGENDRE, 2010, p. 426).

Piaget e Vygotsky foram contemporâneos, nasceram exatamente no mesmo ano, 1896. Entretanto, enquanto Piaget teve uma vida longa (84 anos) e prolífica em termos intelectuais, Vygotsky teve a vida ceifada prematuramente. Os primeiros estudos de ambos os pesquisadores remontam à década de 1920, mas seus trabalhos ganham reconhecimento por volta dos anos de 1960 e 1970, vindo a contribuir para a revitalização da psicologia cognitiva.

En passant, pode-se dizer que a diferença mais marcante entre o pensamento dos dois autores reside no fato de que Piaget elaborou uma teoria em que se buscou explicar a “aquisição do conhecimento e descreveu os estágios em que essa aquisição se desenvolveria⁴.

¹ SIMON, H.A. *Les sciences de l'artificiel*. Paris: Gallimard, 2004 [Col. Folio essays].

² MORIN, E. *Introduction à la pensée complexe*. Paris: ESF, 1990.

³ GLASERFELD, E. Radical constructivism and Piaget's concept. In: MURRAY, F.B. (Org.). *The impact of piagetian theory*. Baltimore, Md.: University Park Press. p. 109-122.

⁴ Segundo Gazzaniga e Hearthertin em *Ciência psicológica: mente, cérebro e comportamento*. Porto Alegre: ARTMED, 2005 (*apud* OLIVEIRA, 2006, p. 14): “embora reconhecendo a contribuição inestimável de Piaget para a psicologia cognitiva, afirma que ‘o pensamento atual da psicologia cognitiva revisou muitas das ideias originais de Piaget, dentre elas a de que ‘o desenvolvimento não ocorre através de progressão tipo blocos construtores’.

Vygotsky, por sua vez, enfatizou a importância do contexto cultural e social no desenvolvimento linguístico” (OLIVEIRA, 2006, p. 16).

Apesar de o construtivismo estar associado aos dois autores acima, neste trabalho o foco serão os estudos e as ideias de Jean Piaget em razão de sua influência mais profunda e extensa na área da educação, sobretudo, na alfabetização infantil.

Antes, porém, de dar prosseguimento a nossas reflexões, cabe atentar-se para a admoestação, bastante pertinente, de Oliveira (2002), qual seja, a de que não se pode aplicar indistintamente o termo “construtivismo” a todos os pesquisadores que se inspiraram nas ideias de Piaget, pois muitos deles, a exemplo de John Flavell e de Robbie Case, “desconfirmaram muitas das propostas do mestre de Genebra” (OLIVEIRA, 2002, p. 3).

O conjunto da obra de Piaget pode ser dividido em quatro períodos de acordo com a ênfase que foi dada a determinadas áreas de pesquisa. Dessa maneira, o primeiro período (1920-1935) abrange os estudos sobre o pensamento e a linguagem da criança, “os intercâmbios sociais entre crianças e suas relações com a inteligência lógica e representativa” (LEGENDRE, 2010, p. 428-429). Nesse período Piaget apontou a existência do “caráter egocêntrico do pensamento infantil e da socialização progressiva que leva ao pensamento lógico e objetivo” (LEGENDRE, 2010, p. 429).

Já o segundo período (1935-1955) envolve os trabalhos de Piaget nas áreas da psicologia, epistemologia genética e lógica, concebida esta última como um instrumento para servir de modelo para a estruturação do pensamento natural (LEGENDRE, 2010). Piaget estabeleceu uma relação entre o desenvolvimento das estruturas do pensamento natural e o desenvolvimento da inteligência, entre a psicologia genética e a epistemologia, elaborando assim a sua epistemologia construtivista (LEGENDRE, 2010). Seus estudos culminaram na publicação, em 1950, dos três volumes da **Introdução à epistemologia genética**.

O terceiro período (1955- 1965) inicia-se com a criação do Centro Internacional de Epistemologia Genética (Cieg), onde pesquisadores oriundos de diversas áreas- psicologia, filosofia, biologia, matemática, lógica e cibernética-, centraram-se na investigação da epistemologia genética.

O quarto período (1964-1980) caracteriza-se pelo amadurecimento e formulação das ideias construtivistas expostas, em 1975, no livro **A equilibração das estruturas cognitivas**. Os estudos de Piaget nessa fase buscaram “estabelecer similaridades funcionais entre os mecanismos de adaptação biológica em jogo na evolução das formas vivas e os processos intervenientes na aquisição dos conhecimentos” (LEGENDRE, 2010, p. 429).

Dias (2010) comenta que para Piaget a inteligência, o “ato de pensar” implica numa série de operações que somente são produzidas e preparadas por atos ou ações que são interiorizadas no intelecto do indivíduo. Isto é, Piaget busca compreender o pensamento enquanto uma ação internalizada, que faz esse processo utilizar dois mecanismos: a assimilação e a acomodação. O indivíduo acaba incorporando o objeto enquanto meio de conhecimento para se assimilar e após o sujeito transforma sua estrutura anterior já assimilado para a acomodação.

Partindo desse pressuposto, as teorias que se utilizaram dos pressupostos do construtivismo se inspiraram em grande parte nos estudos de Piaget sobre o processo de inteligência como resultado da interação entre o meio externo (social) e o meio interno (biológico do indivíduo).

2.1 A PERSPECTIVA CONSTRUTIVISTA DE PIAGET E O CONSTRUTIVISMO

A perspectiva construtivista de Piaget coloca o aluno no centro do processo pedagógico e lhe atribui a função de construir seu próprio conhecimento. Piaget preocupou-se em entender a gênese e o desenvolvimento do conhecimento. Nesse sentido, a inteligência faz parte, segundo o autor, do

[...] conjunto de ferramentas de que nós nos servimos para conhecer e aprender. Essas ferramentas de conhecimento não são outra coisa senão as ações, inicialmente práticas, depois gradualmente interiorizadas sob forma de operações, pelas quais estamos em relação com os objetos e que Piaget chama de ‘esquemas de assimilação’ (LEGENDRE, 2010, p. 433, grifos nossos).

A visão piagetiana sobre a noção da construção do conhecimento tem influência do racionalismo de Descartes (1596-1650) e de Kant (1724-1804). Segundo Piaget (2007), existem estruturas de conhecimentos (ou categorias do pensamento), como causalidade, espaço e tempo, que permitem a organização dos dados da experiência. Tais estruturas, no entanto, “não existem imediatamente como uma forma inteiramente construída, mas são o resultado de um processo de construção gradual, por sua vez ligado à adaptação contínua do sujeito à realidade a conhecer” (PIAGET, 2007 *apud* LEGENDRE, 2010, p. 430, grifos nossos).

As estruturas do conhecimento “não são imutáveis, porém em evolução e sempre abertas para novas construções” (LEGENDRE, 2010, p. 430). Na visão de Piaget (2007), os conhecimentos não se originam nem no sujeito apenas (posição apriorística), nem no objeto apenas (posição empirista), mas resultam da sua interação construtiva. Por isso, o conhecimento na perspectiva epistemológica de Piaget (2007, p. 1)

[...] não pode ser concebido como algo predeterminado nem nas estruturas internas do sujeito, porquanto estas resultam de uma construção efetiva e contínua, nem nas características preexistentes do objeto, uma vez que elas só são conhecidas graças à mediação necessária dessas estruturas, e que essas, ao enquadrá-las, enriquecem-nas.

As estruturas do conhecimento no pensamento de Piaget não são estáticas, mas em processo dinâmico e evolutivo a partir da construção ativa do sujeito. É com base nesse conceito que o construtivismo se apropriou da noção de que o indivíduo só assimila os conhecimentos que ele constrói ou descobre (OLIVEIRA, 2006). Daí a crítica do construtivismo à pedagogia tradicional por enfatizar a transmissão do conhecimento e o papel do professor no processo de ensino e aprendizagem. No processo de aprendizagem, o construtivismo relativiza a noção do erro por partir da ideia de que a criança pensa segundo estruturas lógicas conforme a sua faixa etária, e participa ativamente de seu próprio aprendizado por meio da experimentação, da pesquisa em grupo, do estímulo à dúvida, do desenvolvimento do raciocínio, etc.

Desse pressuposto, qual seja, o de que o aluno constrói seu próprio conhecimento, deriva outro pressuposto do construtivismo: “ninguém ensina nada a ninguém”, ou seja, a pessoa somente aprende verdadeiramente quando ela toma parte de forma direta (pedagogia ativa) na construção do conhecimento.

Em se seguindo tal pressuposto, nos questionamos qual seria a função do professor? O que lhe caberia? Com afirma Oliveira (2006) isso seria negar a possibilidade de se transmitir às gerações mais novas a experiência acumulada pela humanidade.

O termo construtivismo ganhou destaque com a psicóloga e pedagoga argentina Emília Ferreiro, hoje radicada no México. Ela foi aluna e colaborada de Jean Piaget, que aplicou alguma das formulações de Piaget ao aprendizado da leitura e da escrita entre crianças na faixa de 4 a 6 anos (HAMZE, 2015). Inspirando-se em seu mestre, Emília Ferreiro desenvolveu seus estudos e concluiu que a criança aprende a ler e a escrever segundo sua própria lógica e não de acordo como são ensinadas.

A proposta construtivista foi amplamente aceita no Brasil devido, sobretudo, à necessidade de mudanças na área educacional, que tanto profissionais e pesquisadores da área aspiravam. No Brasil, essa inicia-se a partir da década de 1980, por meio de projetos e reformas educacionais na cidade de São Paulo. As escolas começam a utilizar a nova proposta do construtivismo, em sala de aula, para alfabetizar as crianças. Em 2001, o construtivismo foi, por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais, também conhecido como os PCN's, oficializado no Brasil, sendo reconhecido como “método” de ensino.

Carraro e Andrade (2009) relatam que a introdução do construtivismo em sala de aula provocou um grande embate entre aqueles que eram favoráveis e aqueles que eram desfavoráveis a ela. O embate se torna mais agudo, sobretudo, em 2001, quando o construtivismo passou a nortear os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

A crítica à aplicação dos pressupostos do construtivismo na alfabetização se assentou na justificativa de que seu uso era acrítico e que não levava em consideração os conceitos, definições e resultados da psicologia do desenvolvimento e da epistemologia genética de Jean Piaget. Os críticos do construtivismo consideravam-no inadequado e ineficaz para a educação escolar.

Várias pesquisas e levantamentos de dados educacionais foram feitas ao longo dos anos por autores que discutem a qualidade da educação brasileira e internacional, os quais costumam associar os resultados negativos do desempenho escolar à aplicação dos pressupostos construtivistas em sala de aula. Essas críticas ao construtivismo são pouco conhecidas e debatidas no âmbito nacional.

Crato (2011) busca em Jean-Jacques Rousseau (1712- 1778), filósofo iluminista suíço e um dos precursores do romantismo, uma das raízes filosóficas para concepção de criança e de aprendizagem presentes no construtivismo. O romantismo é, segundo o *Philosophical Dictionary*, de Bunge (2003 *apud* CRATO, 2011, p. 14): “o movimento cultural complexo que começou com Vico e Rousseau e culminou com Hegel. Progressivo na arte, retrógrado na filosofia e ambivalente na política”.

Tem o romantismo como características o irracionalismo, holismo, desregramento, subjetivismo, ênfase ao aspecto natural em detrimento do social. Aqui, se inicia outra causa influenciadora do conceito de construtivismo, por ter características do movimento romântico, sendo elas: liberdade de expressão, igualdade no processo de ensino-aprendizagem e outros que favorecem a vontade do próprio indivíduo.

3 CRÍTICAS AO CONSTRUTIVISMO: BREVE BALANÇO BIBLIOGRÁFICO

Conforme Neimann e Brandoli (2012, p. 2), o construtivismo apesar de ter rompido

[...] alguns paradigmas da educação, como a ideia de um universo do conhecimento dado, seja pela bagagem hereditária (apriorismo) ou pelo meio física e social (empirismo) e adotada em escolas de todas as partes do mundo, a teoria construtivista tem sido fonte de críticas, mas também de motivação e de pesquisa para vários estudiosos.

No Brasil, em enquete realizada pela Revista Veja em 2010, mais de 60% das escolas públicas e particulares no Brasil se declararam adeptas do construtivismo. Tal resultado veio reforçar a percepção do senso comum de que no Brasil há um predomínio de orientação pedagógica de inspiração construtivista nas escolas, não obstante a emergência de inúmeros estudos críticos acerca dos postulados do construtivismo desde fins da década de 1990. Segundo Laburú e Batista (2001, p. 152) “nos últimos anos vem se avolumando o número de objeções às teses construtivistas”.

Dentre esses estudos críticos está o de Gauthier, Bissonette e Richard (2009) comentando as atuais propostas de reformas educacionais, que estão a ocorrer no Canadá e em várias partes do mundo, a recomendarem a inclusão do ensino por descoberta tal como inspirado na visão construtivista ou sócio construtivista, os autores criticam a ausência de evidência empírica sobre seus efeitos na aprendizagem. E como explicar o sucesso da proposta construtivista no mundo?

Um discurso pedagógico dominante foi instalado em todo o mundo em consonância com a nova pedagogia, colocando em cena uma pedagogia centrada no aluno, de orientação construtivista e cujos efeitos positivos sobre aprendizagem está longe de ser demonstrada. Como explicar tal popularidade de abordagens pedagógicas tão ineficientes? Sem dúvida, devemos buscar razões na tomada de controle dos nossos sistemas de ensino, por uma espécie de ditadura pedagógica (Kuzloff, 2003) que conseguiu impor sua ideologia, tirando habilmente partido da baixa cultura de pesquisa em ciências da educação (GAUTHIER; BISSONETTE; RICHARD, 2009, p. 13, grifo nosso).

Em outro estudo crítico das proposições construtivistas, Crato (2011) apresenta os vários educadores em Portugal que criticam o construtivismo como “António Barreto, Jorge Buescu, José Manuel Fernandes, Carlos Fiolhais, Maria Filomena Mónica, João Queiró, Guilherme Valente” (CRATO, 2011, p. 11). Além de Portugal, nos Estados Unidos Jeanne S.

Chall, E.D. Hirsch e Diane Ravitch têm feito também uma crítica sistemática à pedagogia construtivista (CRATO, 2011). Apesar do surgimento de inúmeros estudos criticando os pressupostos do construtivismo, no Brasil essas críticas são pouco conhecidas ou pouco divulgadas.

Nota-se também nos estudos de Carraro e Andrade (2009) que professores brasileiros não sabem definir exatamente o que é construtivismo. O que se apresenta nas opiniões de professores e pedagogos são fatores que definem o construtivismo como algo bom para o ensino, uma proposta que prioriza o aluno e suas necessidades. O que esses profissionais repetem é que a educação deve ser relevante para o aluno, embora não sabendo como lidar com essa teoria na escola.

Segundo Crato (2011), a concepção construtivista é criticada por não ter um dado científico que sustente a teoria educacional, desta forma, é apenas uma teoria repetida que se transforma em discursos interpretativos, centrado em características pessoais.

É importante destacar que Crato (2011) claramente aponta que o ensino centrado no aluno – principal característica do construtivismo –, realmente se faz fundamental considerar as suas necessidades futuras, porém a moderação deve juntar a esta teoria, visto que devem ensinar aos alunos que todo aprendizado tem o seu objetivo, para assim o jovem ser chamada a uma vida ativa crítica e informada.

Ao acreditar no ensino centrado no aluno, entende-se que o desenvolvimento é livre do educando em se interessar e gostar do que se estuda, porém assim se forma um adulto já livre e formado. Neste caso, se faz por refletir o verdadeiro objetivo de atribuir significado as ideias e descartar a verdadeira origem de educação.

Em uma visão filosófica o construtivismo significa construir o seu próprio conhecimento, ou seja, em uma visão crítica o seu sentido equivale à anulação da possibilidade do conhecimento ser compartilhado e ensinado através da linguagem (OLIVEIRA, 2002). Esta afirmação condiz que todo conhecimento tem um significado pessoal do indivíduo, na qual apenas o próprio adquire suas escolhas de experiências de vida.

Segundo Oliveira (2002) o processo da construção do saber é coletivo, e não individual, já que o mundo “externo” tem suas questões físicas, sociais, naturais e humanas, não podendo ser construído de qualquer maneira. Por isso que a vida individual e social, a linguagem, a comunicação, a ciência e a filosofia só se tornam possíveis, visto que compartilhamos a comunalidade de sentido e de valores em uma comunidade. Para compreender de fato a questão do conhecimento individual ou coletivo, o autor a seguir explica que:

[...] O conhecimento é estruturado em cada cérebro, as estruturas formadas são pessoais, mas apresentam muito mais semelhanças do que diferenças no processo de sua aquisição, estruturação e uso. Não fora assim não existiria a possibilidade de se falar e fazer ciência cognitiva – já que não há conhecimento científico do que individual, único e irrepetível (OLIVEIRA, 2002, p. 165).

Assim, o autor se sustenta a ideia de que o “construir conhecimento” é apenas um neologismo inventado pelos pedagogos, substituindo os termos clássicos da psicologia da aprendizagem e cognitiva, seja eles: como aprender, atribuir significado, aprender com compreensão, aprendizagem mental e entre outros. Oliveira (2002) questiona sobre a possibilidade de ensinar, sugerindo a seguinte questão: ninguém ensina nada a ninguém?

Por meio dessa tese, afirma-se que o construir conhecimento é comumente associada à outra afirmação de base construtivista, ou seja, ninguém ensina nada a ninguém, visto que o aluno já constrói o seu próprio conhecimento. É a partir disto, que a preferência construtivista se baseia pelo método socrático, a qual consiste em o professor conduzir o aluno a um processo de reflexão e descoberta dos próprios valores. Além desses métodos, Oliveira (2002) aponta que a transmissão de conhecimentos também é ilustrada em outras vertentes de ideias, como no processo de transmissão e aquisição da linguagem. Isto é, a linguagem é um processo natural, porém as pessoas só aprendem a falar porque existem outras pessoas perto delas. Então, como afirmar que ninguém ensina nada a ninguém?

Ainda, sobre o conceito do construtivismo, ao acreditar no ensino centrado no aluno, entende-se que o desenvolvimento é livre do educando em se interessar e gostar do que se estuda, porém assim se forma um adulto já livre e formado. Neste caso, se faz por refletir o verdadeiro objetivo de atribuir significado as ideias e descartar a verdadeira origem de educação.

Oliveira (2002) ainda explica que o construtivismo mesmo não tendo teóricos nacionais da área, 60% dos professores alfabetizadores do Rio de Janeiro e de São Paulo se declaram construtivistas ou seguidores do método, e mais de 90% dos responsáveis dessas escolas particulares se identificam com o método construtivismo. Tendo essas informações, o autor declara:

Apesar desse sucesso, há poucos trabalhos de natureza teórica, conceitual ou empírica, no país que permitiriam uma análise objetiva do que seria o construtivismo, tanto do ponto de vista conceitual quanto do ponto de vista operacional [...]. À falta de conceitos seguros e evidências empíricas mais rigorosas, resta examinar a literatura internacional para examinar de onde vieram essas ideias e qual o seu impacto sobre a alfabetização, nos países em que foram adotadas (OLIVEIRA, 2002, p.162.).

Com base nos dados acima, faz-se um paralelo com outras pesquisas como o que Oliveira (2002) aponta em seus estudos, que são as evidências de que o Brasil é um país de analfabetos, revelando que sua situação não é apenas ruim, mas que não trazem melhorias para alcançar o sucesso escolar. Sendo assim, por quais motivos não repensar no método pedagógico já que não trazem resultados positivos e não tem nenhum estudo científico envolvido?

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais deste trabalho são de contextualizar o construtivismo no âmbito escolar e como sua existência em teorias gera críticas por autores que debatem a educação. Neste texto, buscamos realizar discussões entre os estudos sobre o construtivismo com a educação infantil posta como ideais para que os alunos construam o seu próprio conhecimento no espaço educacional de ensino-aprendizagem.

Iniciamos estas considerações ao tratarmos de perspectiva contextual de metodologias de ensino, a qual nos auxiliou a análise e na crítica pedagógica deste processo, a fim de pontuar os aspectos negativos de seguir as bases construtivistas, para então refletir e buscar mecanismos que auxiliem nas metodologias didáticas de ensino. Necessitamos analisar as causas dos fracassos escolares por meio das avaliações e compreender onde está o erro dos professores no momento de ensinar os conhecimentos científicos para os seus alunos.

Nosso objetivo foi de compreender o motivo pelo qual as bases construtivistas contemplaram a área da educação e quais fatores influenciadores enriqueceram no seu processo de chegada nas instituições escolares, tendo já como conhecimento que não é um processo educacional empírico e que não trazem dados científicos de avanços educacionais. Tal inquietação justificou esta investigação, pois foi necessário debater três momentos desta pesquisa: Piaget e as bases do construtivismo; A perspectiva construtivista de Piaget e o construtivismo; críticas ao construtivismo: breve balanço bibliográfico.

A partir das discussões analisadas aqui neste trabalho, notou-se que o construtivismo se expandiu para diversos países, mesmo tendo grandes críticas sobre. Porém, o que pouco se analisa nessas discussões é a falta de evidências empíricas que esta inspiração pedagógica trouxe. Por trazer um contexto de discussão, acreditamos que esta pesquisa tem caráter relevante por apontar e trazer em um âmbito nacional, uma demonstração de se estudar sobre temáticas do construtivismo e como acarreta nos discursos pedagógicos.

Destaca-se a importância de sempre estar pesquisando e debatendo assuntos que provocam uma reflexão para a melhoria da educação. O que se objetivou neste estudo é apontar equívocos que a educação está tomando frente, com crenças em teorias não empíricas, que muitas vezes prejudicam o processo de ensino-aprendizagem de todos os cidadãos que tem direito a uma educação adequada, perante aos conhecimentos científicos atribuídos na sociedade.

REFERÊNCIAS

CARRARO, Patrícia Rossi; ANDRADE, Antônio dos Santos. Concepções docentes sobre o construtivismo e sua implantação na rede estadual de ensino fundamental. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 261-268, jul./dez. 2009.

CRATO, Nuno. **O Eduques em discurso directo**: uma crítica da pedagogia romântica e construtivista. Lisboa: Gradiva, 2011.

DIAS, Fernanda. O desenvolvimento cognitivo no processo de aquisição de linguagem. **Letrônica**, Rio Grande do Sul, v. 3, n. 2, p. 107-119, dez. 2010.

GAUTHIER, Clermont; BISSONETTE, Steve; RICHARD, Mario. **Sucesso acadêmico e reformas educativas**. Profissão professor: o que funciona em sala de aula. Brasília, DF: Instituto Alfa e Beto, 2009.

HAMZE, Amélia. Construção da aprendizagem. **Canal do Educador**, 2015. Disponível em: <<http://educador.brasile escola.com/gestao-educacional/construcao-da-aprendizagem.htm>>. Acesso em: 18 dez. 2015.

LABURÚ, Carlos Eduardo; BATISTA, Irinéia de Lourdes. Controvérsias Construtivistas. **Cad. Cat. Ens.Fís.**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 152-181, ago. 2001.

LE MOIGNE, J.-L. **Les épistemologies constructives**. Paris: PUF, 1995 [Col. Que sais-je?].

LEGENDRE, Marie- Françoise. Jean Piaget e o construtivismo na educação. In: GAUTHIER, Clermont; TARDIF, Maurice (Org.). **A pedagogia**: teorias e práticas da antiguidade aos nossos dias. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 400-450.

NIEMANN, Flávia de Andrade; BRANDOLI, Fernanda. Jean Piaget: um aporte teórico para o construtivismo e suas contribuições para o processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa e da Matemática. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO NA REGIÃO SUL – ANPED, 9., Caxias do Sul, 2012. **Anais....** Caxias do Sul: ANPED, 2012. p. 1-14.

OLIVEIRA, João B A. Construtivismo e alfabetização: um casamento que não deu certo. **Publicado na Revista Ensaio**, Minas Gerais, v. 10, n. 35, p. 161-2000, abr./jun. 2002.

OLIVEIRA, João B. Lerei como deuses: a tentação da proposta construtivista. **Revista Sinais Sociais**, São Paulo, n. 1, ano 1, p. 146-178, maio/ago. 2006.

PIAGET, Jean. **Epistemologia genética**. Tradução de Álvaro Cabral. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

REVISTA VEJA. Um salto no escuro. Educação, n. 2164, 12 de abril de 2010. p.118. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/120510/salto-no-escuro-p-118.shtml>>. Acesso em: 22 dez. 2015.